

A morte como 'certeza única'

Death as 'the only certainty'

Roberto Souza Camargo*

João de Souza Filho**

75

Resumo

O presente artigo teve seus fundamentos embasados em resultados de longo período de observação e percepção comportamental de vários servidores do Instituto Médico Legal de São Paulo, ao longo do período de convivência profissional com esses servidores e o evento morte, período de experiência de cerca de 35 anos para cada autor, diuturnamente em contato com o ambiente das mais variadas unidades de IMLs como médicos legistas. Para tanto, propôs-se como reflexão em torno desse tema central os seguintes questionamentos: qual a proximidade de um "Trabalhador da morte" com a morte?; o que realmente atormenta o estado psicológico do trabalhador envolvido com a morte?; o que gera o dilema e instala o trauma? Concluiu-se que é preciso trazer esse servidor ao enfrentamento da realidade em que vive, sem fugas ou máscaras, demonstrando a sua relevante contribuição à sociedade.

Palavras-chave: Morte. Medicina Legal. Autópsia.

Abstract

The present paper had is based on results of a long observation period and behavioral perception of several servants of the Legal Medical Institute of Sao Paulo (IML), during the period of professional contact with these servants and the event of death, a period of experience of nearly 35 years for each author, which were in daily contact with the setting of the most varied unities of IMLs in the condition of forensic scientists. For doing this, we propose as a reflection around this central subject the questions: how near is a "Death Worker" with death?; what really does torment the psychological state of the worker dealing with death?; what produces the dilemma and creates trauma? We concluded that it is necessary to make this servant to face the reality in which they live, without getaways or masks, demonstrating their relevant contribution to society.

Keywords: Death. Forensic Medicine. Autopsy.

* Professor Associado Livre-Docente da Faculdade de Medicina da USP-SP. Diretor do Instituto Médico Legal do Estado de São Paulo. Médico Legista do Instituto Médico Legal de São Paulo há 36 anos.

** Médico Legista do Instituto Médico Legal de São Paulo por 34 anos. Pós-Graduado em Administração Hospitalar. Pós-graduado em Medicina e Saúde Ocupacional. Instrutor de Treinamentos e palestrante motivacional pelo Instituto Tadashi Kadomoto – Campinas, SP. Assistente de Diretoria Técnica de Departamento do IML – SP.

INTRODUÇÃO

A única certeza que temos nesta vida é a morte. Esse evento é inexorável, mas, curiosamente, vivemos preocupados com ele, o que, no mínimo, é interessante. Vejamos estes exemplos: se você tem certeza absoluta de que seu bilhete de loteria será premiado, para que se preocupar em conferi-lo? Prestou um exame vestibular e tem absoluta certeza de que está aprovado, para que conferir a lista de aprovados?

A morte, no entanto, apesar de ser uma certeza, é diferente, por várias razões: será o último evento da vida, interfere em nossos sentimentos de perda, saudades, medo, etc., não temos nenhuma informação concreta de como é ou será após sua passagem, entre outras, com muitas incertezas e dúvidas.

Embora seja um evento lídimo e certo, nada sabemos a respeito dele. Para ilustrar essa insegurança gerada pelo evento morte, apresentaremos aqui uma metáfora deveras interessante (de autoria desconhecida) sobre um suposto diálogo entre bebês gêmeos no ventre de uma mulher grávida:

BEBÊ 1 – Você acredita na vida após o nascimento?

BEBÊ 2 – Certamente. Algo tem de haver após o nascimento. Talvez estejamos aqui principalmente porque precisamos nos preparar para o que seremos mais tarde.

BEBÊ 1 – Bobagem, não há vida após o nascimento. Como verdadeiramente seria essa vida?

BEBÊ 2 – Eu não sei exatamente, mas certamente haverá mais luz do que aqui. Talvez caminhemos com nossos próprios pés e comeremos com a boca.

BEBÊ 1 – Isso é um absurdo! Caminhar é impossível. E comer com a boca? É totalmente ridículo! O cordão umbilical nos alimenta. Eu digo somente uma coisa: a vida após o nascimento está excluída – o cordão umbilical é muito curto.

BEBÊ 2 – Na verdade, certamente há algo. Talvez seja apenas um pouco diferente do que estamos habituados a ter aqui.

BEBÊ 1 – Mas ninguém nunca voltou de lá, depois do nascimento. O parto apenas encerra a vida. E afinal de contas, a vida é nada mais do que a angústia prolongada na escuridão.

BEBÊ 2 – Bem, eu não sei exatamente como será depois do nascimento, mas com certeza ve-

remos a mamãe e ela cuidará de nós.

BEBÊ 1 – Mamãe? Você acredita na mamãe? E onde ela supostamente está?

BEBÊ 2 – Onde? Em tudo à nossa volta! Nela e através dela nós vivemos. Sem ela tudo isso não existiria.

BEBÊ 1 – Eu não acredito! Eu nunca vi nenhuma mamãe, por isso é claro que não existe nenhuma.

BEBÊ 2 – Bem, mas às vezes quando estamos em silêncio, você a ouve cantando, ou sente como ela afaço nosso mundo.

Esse suposto diálogo ensina a reflexão sobre a similaridade nascimento/morte!

Embora a morte esteja presente em nossas vidas, ela incomoda e, além disso, interfere profundamente, em especial na vida daquelas pessoas que, por força da atividade laborativa, convivem diuturnamente com “ela”. Diria até que dependem “dela” para a execução do seu trabalho, por exemplo, profissionais de saúde (aqueles que lidam com doentes terminais), profissionais que militam em institutos de medicina legal, ou de verificação de óbitos, coveiros, bombeiros, policiais.

Direta ou indiretamente, o evento morte está presente no dia a dia dessas pessoas que, é bom lembrar, são portadoras dos mesmos sentimentos e das mesmas dúvidas de qualquer ser humano. São “Os trabalhadores da morte”.

Porém, antes de entrarmos nas considerações específicas sobre esses profissionais, cabem mais algumas observações sobre “morte”.

O medo da morte pode ser dividido em três componentes principais: a) a angústia de deixar essa vida; b) a incerteza quanto à inexistência de vida pós-morte; c) o pavor dos possíveis sofrimentos no momento da morte.

Devemos considerar uma questão que acaba tendo importante influência na formação da incompreensão da morte. Existem estudos mostrando que quanto mais avançada a idade, (ou seja, para o idoso) mais se torna minimizado o pavor da morte; essa situação é vista com menos temeridade tanto para o idoso como para as pessoas que o cercam. É vivenciado sem a sufocante angústia que ocorre em faixas etárias mais jovens. Há compreensão para o inevitável e, por conta disso, a morte é estigmatizada na mente humana como um: “apanágio da velhice”.

Torna-se comum ouvirmos, quando do óbito de uma pessoa acima de 80 anos, "Ah! Estamos conformados, descansou...".

Claro que em mortes precoces ocorre o contrário, em especial se acontecem por catástrofes, acidentes, violência, etc. Nesses casos nos assalta a indignação, a revolta e, não raro, a identificação com pessoas próximas da família (filhos, irmãos, sobrinhos, esposa, marido), o que intensifica a projeção sobre o evento fatídico.

É justamente sob esse aspecto que cabe uma reflexão sobre as pressões psicológicas a que estão submetidos os "trabalhadores da morte", sobre o envolvimento psicoemocional em suas atividades, pois lidam diuturnamente com o evento morte, em especial mortes precoces vitimadas por violência, situações a que estão submetidos legistas, auxiliares de necropsia, policiais, bombeiros, profissionais que frequentemente se defrontam com óbitos de jovens, crianças, etc., que poderiam ser seus filhos, irmãos, enfim pessoas queridas e próximas do seu relacionamento.

QUAL A PROXIMIDADE DE UM "TRABALHADOR DA MORTE" COM A MORTE?

Vejamos como exemplo um profissional classificado como auxiliar de necropsia vinculado a um Instituto Médico Legal (IML). Um homem ou mulher que pode ser casado ou solteiro. Em nossa experiência no IML de São Paulo, por trinta e cinco anos observamos que cerca de 80% desses funcionários possuem família com filhos e esposa, têm idade média de trinta a quarenta anos, grau de instrução de nível fundamental ou técnico relacionado à saúde, poder aquisitivo classe C e, geralmente (quando legal), acumulando mais de um vínculo empregatício, trabalhando em escala de plantões diurnos e noturnos, incluindo feriados e fins de semana. Percebe-se por esse breve perfil que, independentemente do tipo de atividade, o indivíduo já está sob pressão psicofísica, gerada pelas inevitáveis questões familiares relacionadas a finanças, problemas conjugais, cuidados com filhos pré ou adolescentes, afastamento do convívio familiar pelo regime de trabalho, cobranças pelo consumismo social e assim por diante.

Esse profissional deixa seu lar, sua esposa, seus filhos, pai, mãe, enfim, entes queridos e se dirige ao trabalho. Lá chegando, após a rotina de praxe, adentra seu local de trabalho: Sala de Necrópsias. A cena que o espera, invariavelmente, é de vários cadáveres expostos sobre mesas ou macas gélidas.

Lá estão adultos, homens e mulheres, crianças, bebês, jovens e idosos, todos vítimas de violência (lembrando que o IML atende a morte violenta ou suspeita de). Ali naquelas mesas estão muitas vezes juntos o homicida e a vítima, o atropelado, o suicida, o bebê atirado no lixo e encontrado pelo catador, a mulher que foi a óbito no parto, a criança ainda com as marcas escuras no tórax, dos pneus do ônibus que lhe ceifou a vida quando corria atrás de uma bola, a adolescente violentada, estuprada e morta pelo facínora que ainda se encontra livre.

Esse, sem maquiagem, é o real palco que o espera e no qual terá que atuar, lembrando o quanto todo esse quadro interfere na sensibilidade humana, na essência do indivíduo. Então, quando inicia seu trabalho junto ao corpo inerte, torna-se inevitável imaginar que a sua filha é também adolescente, sua esposa dirige e se expõe ao trânsito caótico das grandes cidades, sua residência fica em um bairro exposto à violência sem a devida segurança a que todo cidadão tem direito e sua família fica sozinha enquanto cumpre sua jornada noturna, que seu filho brinca de bola na rua; imaginações e pensamentos que, embora fugazes, permeiam sua mente e o atormentam enquanto cumpre sua tarefa, que, sem dúvida, exige competência, ética, respeito moral, atenção. E por mais que o tempo de atividade na profissão possa endurecer os sentimentos, essa identificação dos lúgubres meandros da morte no qual trabalha com seus entes queridos, suas crenças, seus preceitos religiosos, seus conceitos éticos são fatais e daí advêm as infundáveis pressões psicoemocionais relacionadas ao evento morte.

Depoimento de um auxiliar de necropsia: *"Às vezes tem uma vítima (em especial criança) que, quando você vê na mesa de necropsia, se pergunta: por que isso aconteceu? Mas, pela responsabilidade profissional, pelo compromisso ético, tem que, mesmo envolvido pela emoção, executar sua tarefa pericial"*.

O QUE REALMENTE ATORMENTA O ESTADO PSICOLÓGICO DO TRABALHADOR ENVOLVIDO COM A MORTE?

Dilemas éticos ligados a: diversidade de valores; incertezas sobre a terminalidade e limites de intervenção para prolongar a vida; discordância de tomadas de decisão; não aceitação do processo de morte pela família e pelos servidores; e a falta de esclarecimento da família são situações que atormentam o estado psicológico daqueles que labutam com morte como profissão. Além disso, para tomar uma decisão frente aos dilemas éticos, ele (o trabalhador) considera os seus valores pessoais, a ética profissional, a empatia e o diálogo com os colegas.

O QUE GERA O DILEMA E INSTALA O TRAUMA?

Valores e crenças entram em choque com as ações realizadas pelos servidores envolvidos com a morte. Os valores da sua classe profissional, seus princípios religiosos, a identificação com a morte da vítima periciada, transferidas para acontecimentos similares com família, geram conflitos íntimos de ordem psicoemocional.

Todo servidor, como ser humano que é, tem seus valores éticos e crenças enraizadas, que, em um dado momento, em uma dada circunstância, se confrontam com a situação fática da morte, gerando dúvidas, dilemas de ordem profissional, éticos, morais.

Esses conflitos vivenciados, relacionados a crenças e valores, podem estar associados a processos pessoais e sociais vivenciados hoje pela humanidade, advindos da pluralidade de valores e da grande miscigenação cultural que presenciamos diariamente. A responsabilidade profissional também traz um sentido dilemático relacionado à responsabilidade de "invadir" uma vida que se esvaiu recentemente, contrariando os seus valores. A sua atividade profissional lhe causa dilemas, pois abrange ações contrárias a sua opinião, mas que são inerentes à profissão.

ÉTICA: FATOR IMPORTANTE!

Ética profissional muitas vezes se torna um ponto de conflito íntimo, pois coloca o trabalhador para refletir sobre suas condutas, responsa-

bilidades e valores. A proximidade com a dor e com o sofrimento parece provocar endurecimento e insensibilidade, que, na verdade, é uma fuga da situação gerada pelo medo da morte, da qual sua profissão está tão próxima, criando um desgaste emocional íntimo ligado à dificuldade de lidar com a terminalidade.

É possível verificar que existem, entre os trabalhadores da morte, dilemas éticos relacionados ao convívio com essa realidade, contudo esses dilemas têm um caráter conflituoso, muito mais, no íntimo, de forma pessoal e individualizada, do que de caráter coletivo, e estão relacionados às crenças religiosas, à estrutura familiar, a traumas psicológicos e, especialmente, a perdas de pessoas queridas e ao contato com a violência geradora da morte. São dilemas éticos que envolvem fatores relacionados a experiências e valores pessoais. Nesse sentido, é importante que esses trabalhadores da morte tenham apoio para aumentar a reflexão e a discussão sobre o assunto, a fim de encontrar caminhos que aprimorem o seu agir ético em cada ação ou relação interpessoal com os participantes dessa questão, tão dilemática.

CONCLUSÕES

Mediante esse quadro, que, sem exagero, podemos identificar como dramático, a que são submetidos os "trabalhadores da morte", urge que medidas de apoio na esfera psicoemocional sejam providenciadas.

Há que se considerar que todas essas pessoas estão inconscientemente envolvidas nesse processo danoso, e mesmo que alguns ainda tenham obtido certa dose de compreensão, a mente consciente tenta de todas as formas "fugir" do enfrentamento da verdade interior, representadas pelo sistema de crenças de cada indivíduo, pela religiosidade ou falta dela, pelos paradigmas sociais e princípios éticos. Diante desse quadro, falta compreensão da manifestação dos sentimentos negativos que interferem no indivíduo por se instalarem no seu comportamento de forma mascarada, passando, então, a reagir sob a égide da insensibilidade, falsa coragem, "coração de pedra", se esgueirando da verdade do seu inconsciente, de certa forma se autoenganando, sem a compreensão dos verdadeiros fatores que conturbam seus sentimentos.

Cabe, então, por meio de um profícuo acompanhamento psicoterápico, trazer esse servidor ao enfrentamento da realidade em que vive, sem fugas ou máscaras, demonstrando a sua relevante contribuição à sociedade, assim como a real compreensão do ciclo da vida, resgatando a sua autoestima, muitas vezes em baixa.

Com certeza, dessa forma, estaremos contri-

buindo sobremaneira para que as funções exercidas pelos “trabalhadores da morte” se tornem suportáveis, de forma digna e respeitosa, trazendo repercussões positivas às pessoas que dependem dessa prestação de serviço, assim como possibilitando melhor qualidade de vida a esses trabalhadores, tão essenciais à sociedade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Coni N, Davison W, Webster S. O Envelhecimento. São Paulo: Editora Experimento; 1996.

Goleman D. Inteligência Emocional. 47a ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva; 1995.

Grinder J, Blander R. Atravessando Passagens em Psicoterapia. São Paulo: Editora Summus; 1984.

Stone D, Patton B, Heen S. Conversas Difíceis. 3a ed. Rio de Janeiro: Editora Elsevier; 2004.